

A noção de retorno na perspectiva de uma antropologia total do ato de migrar

A idéia de retorno está intrinsecamente circunscrita à denominação e à idéia mesma de emigração e imigração.

Não existe imigração em um lugar sem que tenha havido emigração a partir de um outro lugar; não existe presença em qualquer lugar que não tenha a contrapartida de uma ausência alhures. É a própria condição do humano, é a sua finitude que está em causa: não se pode estar presente simultaneamente em dois lugares diferentes, mas se pode ir de um lugar a outro, o espaço se deixa percorrer e permite, assim, uma multipresença sucessiva no tempo. Não se pode estar e ter estado ao mesmo tempo. O passado, que é o "ter-estado", não pode jamais tornar-se novamente presente e voltar a estar-no-presente, a irreversibilidade do tempo não o permite.

A própria denominação de imigrante remete implicitamente à de emigrante, que é o seu corolário. Há circunstâncias, inclusive, em que ela é percebida como um chamado do imigrante para suas origens e, por isto, como a denúncia de sua presença enquanto imigrante.

Ao longo de uma pesquisa realizada na França sobre as condições do retorno, denominada como reinserção dos imigrantes em seus países de origem - prática que os poderes públicos desejavam encorajar por meio especialmente de incentivos, - um pesquisador-investigador recebeu uma resposta muito procedente de um dos seus entrevistados, antigo trabalhador imigrante, a quem, em seu local de trabalho, ele havia perguntado: "Você quer retornar para sua terra, para seu país?" A resposta foi: "É o mesmo que perguntar a um cego se ele quer a luz!" A questão posta desta maneira já continha em si a resposta que se impunha como a única lógica, na medida em que, no fundo, ela convidava o entrevistado a voltar para a sua terra, para o seu país, o que é, na visão do senso comum, totalmente normal, inclusive natural. É preciso ser um pouco herético, heresiarca de alguma maneira, para duvidar desta lógica, e ainda mais para contestá-la. A intenção objetiva da questão (inclusive, independentemente do investigador e do entrevistado) consiste, queira-se ou não, em fazer com que o interrogado compreenda, caso ele tenha esquecido, que ele não é daqui, que seu lugar não é aqui, que

aqui não é a sua terra, etc. É uma questão que é, de fato, um chamado, atuando para lembrar ao imigrante a verdade de sua condição.

Além do fato de ser vivamente verdadeira e lúcida, a resposta dada aqui, em forma de metáfora, sobre a questão do retorno, tem em si mesma um valor de lição: não é próprio ao imigrante ser sempre totalmente iludido sobre sua condição inicial. O retorno é naturalmente o desejo e o sonho de todos os imigrantes, é como recuperar a visão, a luz que falta ao cego, mas, como cego, eles sabem que esta é uma operação impossível. Só lhes resta, então, refugiarem-se numa intranquila nostalgia ou saudade da terra.

Na mesma época e na mesma empresa que concluiu um acordo com o organismo oficial encarregado pelo Estado de conduzir a "política de retorno dos imigrantes", vários operários estrangeiros nos afirmaram que se desviavam todas as manhãs dos postos desse serviço especial - instalados na porta da fábrica - para pouparem-se da prova, particularmente humilhante para o seu amor próprio (pessoal e nacional), do que consideravam um chamado às suas origens, à sua condição primeira, à de emigrantes antes da de imigrantes, um chamado à sua verdade essencial e, no fundo, um convite a partir. É na lógica da honra que essas coisas são percebidas! É como se fosse um teste da inserção social do imigrante, onde quer que ele esteja.

O imigrante só deixa de sê-lo quando não é mais assim denominado e, conseqüentemente, quando ele próprio assim não mais se denomina, não mais se percebe como tal. E a extinção desta denominação apaga, a um só tempo, a questão do retorno inscrito na condição do imigrante. Na verdade não se trata, sob o pretexto do retorno, da questão mais fundamental da legitimidade intrínseca da presença daquele que é visto e designado como um imigrante?

Deslocado no sentido próprio do termo, no sentido do deslocamento no espaço, o imigrante é também deslocado de uma maneira diferente desse primeiro sentido: a presença do imigrante, presença imprópria, é deslocada no sentido em que se diz que uma palavra está deslocada.

A noção do retorno estaria no centro do que pode ser ou do que desejaria ser uma antropoló-

7. Léon e Rebecca GRINBERG, *Psychanalyse du migrant et de l'exilé*; Lyon: Césura Éd., 1986, 292 p.

gia total do ato de emigrar e de imigrar⁷: antropologia social, cultural, política, na qual se introduz eficazmente a lembrança da dimensão universal do fenômeno migratório. A questão do retorno - que pode constituir um verdadeiro objeto de estudo, pois ela é principalmente da ordem do fantasma que ronda as consciências - representa uma das dimensões essenciais dessa antropologia, na medida em que pressupõe necessariamente vários modos de relações: uma relação com o tempo, o tempo de ontem e o tempo do futuro, a representação de um e a projeção do outro, sendo estreitamente dependentes do domínio que se tem do tempo presente, isto é, do tempo cotidiano da imigração presente; uma relação com a terra, em todas as suas formas e seus valores (a terra natal), inicialmente, em sua dimensão física ou geográfica e, em seguida, em suas outras qualificações sociais, o espaço físico sendo, em suma, apenas a metáfora espacial do espaço social; uma relação com o grupo, aquele que se deixou fisicamente, mas que se continua a carregar de uma maneira ou de outra, e aquele no qual se entrou e ao qual é preciso se impor, aprender a conhecer e dominar. Todas essas relações se mantêm entre si, são solidárias umas com as outras, e a unidade que formam é a mesma que constitui o assim denominado ser social. Da mesma forma que muitos outros temas recorrentes, tais como o exílio e a nostalgia, o tema do retorno se integra, através de todas as expressões conferidas pela linguagem comum⁸, à série dos grandes mitos propostos à explicação da história e à elucidação da pessoa humana, que tendo sido a ela totalmente incorporados, são dela como a encarnação viva.

Inicialmente, relação com o tempo, que é a noção do retorno tal como se configura no imaginário imigrante (e pelo imaginário do imigrante), o retorno é para o próprio imigrante, mas também para o seu grupo⁹, um retorno a si, um retorno ao tempo anterior à emigração, uma retrospectiva; portanto, uma temática da memória que não é somente uma temática da nostalgia no sentido primeiro do termo, a algia do *nostos* (a dor do retorno, a saudade da terra), um mal cujo remédio se chama o retorno (*hostos*), Ítaca sendo para Ulisses o nome deste remédio¹⁰. Em verdade, a nostalgia não é o mal do retorno, pois, uma vez realizado, descobre-se que ele não é a solução: não existe verdadeiramente retorno (ao idêntico). Se de um lado, pode-se sempre voltar ao ponto de partida, o espaço se presta bem a esse ir e vir, de outro lado, não se pode voltar ao tempo da partida, tornar-se novamente aquele que se era nesse momento, nem reencontrar na mesma situ-

ção, os lugares e os homens que se deixou, tal qual se os deixou.

Relação também ao espaço, pois emigrar e imigrar é antes de mais nada mudar de espaço, de território. O espaço se conforma mais facilmente do que o tempo a todas as idas e vindas que aí se podem inscrever, contudo, sob a condição de que nada contrarie essa relativa liberdade de movimento, que aí não se tracem fronteiras, esses produtos de um ato jurídico de delimitação, produtos ao mesmo tempo de um direito propriamente regalista (o direito de *regere fines* e *regere sacra*) e do poder nomotético de decretar a união e a separação¹¹. Ainda que isto se passe sem muitas dificuldades ou se confronte com obstáculos maiores ou menores, mudar de espaço - deslocar-se no espaço, que é sempre um espaço qualificado - é descobrir e aprender simultaneamente que o espaço é, por definição, um "espaço nostálgico", um lugar aberto a todas as nostalgias, isto é, carregado de afetividade. O espaço não é, portanto, esse espaço abstrato, contínuo e homogêneo dos matemáticos, esse conjunto de lugares indiferentes e intercambiáveis entre os quais se pode ir e vir em espírito, e com toda a liberdade, como o postula a geometria. Se existe uma nostalgia agarrada ao espaço, e se este é no fundo de si mesmo um lugar de nostalgia, como se experimenta em todos os deslocamentos, é porque se trata de um espaço vivo, concreto, qualitativa, emocional, e até mesmo apaixonadamente distinto¹².

"A geometria não tem nada a ver com a nostalgia", dirá Vladimir Jankélévitch¹³.

À parte o retorno - ao qual ela finge chamar por acreditar trazê-lo em si mesma - e através dele, o remédio que ela designa, a nostalgia do lugar tem um grande poder de transfiguração de tudo o que toca e, como o amor, efeitos de encantamento evidentemente, e mais ainda, efeitos de sacralização e santificação: o país, o solo natal, a casa dos antepassados, e mais simplesmente a casa natal, cada um desses lugares privilegiados da nostalgia (e pela nostalgia), e, em cada um desses lugares, cada um desses pontos particulares que são o objeto de um intenso investimento da memória nostálgica, tornam-se lugares sacralizados, lugares benditos, terras santas; vai-se aí em peregrinação, conformando-se desta maneira à intenção de toda peregrinação que é o retorno às fontes, o retorno profano a estes lugares da natureza e da história tornados santos pela graça da nostalgia.

A valorização da terra natal, uma tarefa à qual se empenha apaixonadamente, investindo todo o

8. A linguagem dos próprios interessados; a linguagem daqueles que eles deixaram (parentes, compatriotas, etc.); a linguagem daqueles que se obrigam, através de tudo aquilo que se diz sobre imigração e imigrantes, a lembrar a estes últimos que "eles não são daqui", que eles são sempre passíveis de um "retorno".

9. Retorno do filho pródigo entre os seus, na espera de "matar um novilho gordo": o ato de emigrar, de romper com seu grupo tendo sido alguma coisa de suspeito, como uma falta que será preciso expiar, e mesmo uma traição que é preciso reparar.

10. Vladimir JANKÉLÉVITCH, *L'irreversible et la nostalgie*, Paris: Ed. Flammarion, 1983, pp. 340-386.

11. Pierre BOURDIEU, "L'identité et la représentation", *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 35, novembro, 1980, pp. 66-69.

seu ser social, dotada de um forte poder de mobilização, pois ela engaja toda a identidade social e cultural (individual, ou em estado disperso, e coletivo, ou em estado organizado) da pessoa, essa tarefa será retomada, para além da cena puramente afetiva da nostalgia, e para além da reação unicamente individual, no plano largamente político.

Em um primeiro momento, sobretudo na geração dos românticos, e à sua maneira, a pátria foi celebrada, louvada, glorificada e, após ser deixada, cantada e chorada¹⁴; em um segundo momento, após a revolução de 1848, na França, antes mesmo de ser constrangido a deixar sua pátria e sem mesmo tê-lo sido, é quando será cultivada a extrema valorização que as formas modernas de patriotismo e de nacionalismo vão dar ao solo da pátria e ao território da nação.

Ao longo do século XIX, o século por excelência do nacionalismo, a terra natal, nacional e não somente local, tomará com a afirmação do princípio das nacionalidades um sentido totalmente apaixonado, ao ponto de constituir, hoje ainda, o termo de referência pelo qual se define todo pertencimento, inclusive a própria existência da pessoa. Com efeito, quer se trate do pertencimento ao tempo, ao espaço, ao grupo, os principais quadros que estruturam a vida social e mesmo toda existência individual - existir é existir no tempo, no espaço e no interior de um grupo social (é a condição da existência política) - sempre está em causa um pertencimento nacional, um pertencimento nacionalmente definido: o pertencimento a cada um a seu tempo é um pertencimento à história nacional; o pertencimento ao espaço é um pertencimento ao território nacional; o pertencimento ao grupo é um pertencimento ao grupo dos nacionais e um pertencimento à nação e à nacionalidade que lhe são comuns.

Só há existência política possível, isto é, politicamente reconhecida, dentro do quadro da nação e da nacionalidade, e ainda sob condição de ser garantida pelo Estado. Só se pode existir no cenário internacional como membro de uma nação e de uma nacionalidade. Se há descompasso, em aparência, entre, de um lado, a relação completamente melancólica que a nostalgia estabelece com o lugar do qual se separou, com o tempo que se esvaiu, com o grupo que se deixou, e, de outro lado a relação à nacionalidade e o pertencimento à nação, a diferença entre uma e outras formas de presença e de referência aos quadros que estruturam toda a nossa existência e toda a nossa visão do mundo social e político

(os quadros espaço-temporais e os quadros sociais) não é tão nítida quanto se pensa. Ela não é de natureza radical nos dois casos expostos, como se poderia acreditar.

A primeira relação poderia ser apenas uma versão reduzida da segunda, porque a sensação propriamente nostálgica não se beneficiou aqui do acompanhamento e de toda a força do enquadramento que poderia lhe assegurar a vontade política; assim também, o patriotismo e o nacionalismo, tais como foram louvados e embelezados politicamente, parecem dever comungar facilmente com a nostalgia à qual eles teriam conferido, assim, um poder supremo, uma aura excepcional e uma extensão universal. Perceber-se-á melhor o parentesco que existe entre esses dois registros, quando se analisar as formas de pensamento que cada um coloca em ação, em um caso para pensar a imigração e, no outro, para se pensar como imigrante, todas formas de pensamento comuns à nostalgia e que, em última análise, são formas de pensamento do Estado, o Estado se pensa ao pensar a imigração.

Enfim, relação ao grupo, e aos dois grupos: aquele do qual se emigrou, e aquele do qual se tornou um imigrante. Esta relação não é muito clara, não é nunca totalmente límpida de uma parte e de outra; é da natureza do fenômeno migratório que ela seja fundamentalmente ambígua, que ela esteja no nó das contradições que habitam a consciência de todo emigrante e imigrante (real ou potencial) e, no limite, de todo indivíduo face à representação que ele tem da emigração e da imigração (as suas, eventualmente e, sempre, as dos outros), na medida em que todo indivíduo é em princípio membro de um grupo original (a gênese não é aqui somente biológica, mas também social, histórica, política, cultural, etc.) e, em seguida, membro de vários outros grupos que se diria "segundos", mas não necessariamente secundários, sobretudo no caso da imigração, em que se é inevitavelmente membro, de uma certa maneira, da sociedade de imigração e de outros grupos ainda, entre os quais, o grupo dos imigrantes (de mesma origem ou de origem diferente). Relação ambígua, de má fé, marcada de consciência culpada em relação primeiro ao grupo de origem, o grupo que se deixou de fato, que se deixou material, orgânica e corporalmente, mas que se quer assegurar (e ao mesmo tempo se assegurar) de que ele não foi deixado afetivamente, não foi deixado nem pelo coração, nem pelo espírito, é ao menos aquilo que se quer acreditar e fazer acreditar, que se quer proclamar a propósito e fora de propósito, o que se pretende fazer

12. Numerosas são as evocações poéticas do espaço. São encontradas na poesia, evidentemente, mas são também musicais, pictóricas, mitológicas, e mesmo filosóficas. Gaston Bachelard, explorando as forças emocionais que nos ligam aos elementos naturais, e, aqui, à terra, fala da poética cinzenta do espaço que nos é familiar, da escada da casa natal: "*para além das lembranças, a casa natal está fisicamente inscrita em nós; ela é um grupo de hábitos orgânicos. Com 20 anos de intervalo, apesar de todas as escadas anônimas, reencontraríamos os reflexos da 'primeira escada', não tropeçaríamos em um degrau um pouco mais alto. Todo o ser da casa se desenvolveria, fiel ao nosso ser (...). A palavra hábito é uma palavra demasiado usada para exprimir esta ligação apaixonada do nosso corpo que não esquece a casa inesquecível*" (*La Politique de l'espace*, p. 32); "*Eu sou o espaço onde estou*", disse Noël Arnaud, citado por Gaston Bachelard. E Jankélévitch, filósofo poeta, fala, por sua vez, de uma "*geografia patética, de uma topografia mística cuja única toponímia, por sua força evocativa, coloca já em movimento o trabalho da reminiscência e da imaginação*".

13. Vladimir JANKÉLÉVITCH, op. cit., p. 341.

14. São os cantos do exílio. Victor Hugo, também desterrado na ilha de Jersey, soube lhes dar uma voz na qual se reconhecerão todos os exilados da terra: "*Não se pode viver sem pão, não se pode viver também sem pátria*".

saber a todo mundo.

Demonstrar, em primeiro lugar, aos seus, aos seus próximos, ao grupo (local, regional, e mais ainda, nacional) - do qual se separou, sem alegria no coração, mas por constrangimento - que a infeliz separação, à qual se é desta maneira constrangido, não é desejada, nem escolhida com toda a liberdade, nem mesmo com conhecimento de causa, mas é imposta. Daí a necessidade de lhe conferir um álibi, encontrar-lhe uma razão maior; um álibi e uma razão que parecem previamente combinados entre todos os pares, e realizam tão bem o acordo do ausente: tanto o emigrante que se vai, não sem se lamentar (é preciso que haja um lamento manifesto), e que tem necessidade disso para partir com a consciência em paz, quanto dos presentes, aqueles que ficam e não têm outra escolha senão olhar o emigrante partir para contá-lo em seguida entre os ausentes, para incluí-lo entre os que partiram alhures.

A emigração deve ser realizada e vivida necessariamente na dor, uma dor compartilhada entre os que partem e os que ficam. Desta maneira, a emigração que se permite pensar sempre como provisória, por mais longa que seja e mais durável que se anuncie¹⁵, não deve ser taxada de renúncia ao grupo, ainda menos de abdicação, o que se assemelharia demais à abjuração. Renúncia, abdicação, abjuração seriam, nestes casos, renúncia, abdicação a si e abjuração de si, pois não faltaria oportunidade de descobrir que uma pessoa, enquanto ser social, só tem existência pelo grupo e, idealmente, no grupo de seus pares, e para o grupo. E é, sem dúvida, esta verdade, que circunstâncias como a emigração, o exílio, circunstâncias em que se realiza e se experimenta concretamente a ruptura com o grupo, vêm lembrar a cada um o triunfo do individualismo (sobre o holismo, sobre o primado do grupo) - sobretudo nesses tempos que o consagram em todos os planos (na economia, na política, nas relações sociais, mesmo as mais familiares, as mais domésticas e as mais íntimas, etc.) - triunfo do qual a imigração é, em parte, uma das consequências, deve-se aqui registrar, certamente, mas triunfo ao qual ela traz sua contribuição, jamais negligenciável, na medida em que, ao favorecer a tendência à individualização que a emigração já trazia consigo, tornou-se sua verdadeira escola. Só se deixa o grupo, diz-se, para melhor reencontrá-lo; e, se possível, no mesmo estado, "tal como a eternidade o congelou"¹⁶, fixou-o de uma vez por todas. Reencontrá-lo como se nada tivesse acontecido, como se nada o tivesse mudado durante a ausência¹⁷ - é a ilusão da qual se

alimenta a nostalgia que tem, por contrário, a decepção - e sobretudo, como se ter partido por tanto tempo não houvesse mudado em nada o emigrante que retorna, no fundo, não para reencontrar, como imagina, as coisas como as tinha deixado, mas para se reencontrar a si mesmo, tal como era (ou acreditava ser) quando partiu: é desta outra ilusão que frequentemente participa a decepção engendrada pelo retorno (ou uma certa forma de retorno), reação inversa, mas totalmente complementar à consciência nostálgica.

Em resumo, não se deixa sua terra impunemente, pois o tempo age sobre todos os seus pares. Não se prescinde impunemente do grupo e de sua ação cotidianamente presente, de sua pressão mais comum - a ponto de não ser mais ressentida como tal, tornando-se algo totalmente natural e independente -, bem como de seus mecanismos de inserção social, mecanismos que são ao mesmo tempo prescritivos e normativos, e enfim, largamente performativos, no sentido de que visam compor a legítima definição da ordem social, tida como a única existente. A mudança resultante da ruptura constitutiva da emigração, bem como da ausência subsequente, não consiste somente no envelhecimento físico, que atinge a todos e que seria como uma marca do tempo que passa; mas, ela é também, e principalmente, de ordem social, de natureza social, em consequência da defecção que a provocou e da qual carrega sempre a marca. Deste ponto de vista, haveria uma "nostalgia tipicamente temporal", que evocaria um retorno não a uma outra ligação, uma ligação antiga, mas um retorno no tempo, um retorno ao passado, como se o tempo fosse reversível e pudesse ser percorrido em sentido inverso.

Assim como a ausência, a presença também tem seus próprios efeitos. Não se habita impunemente um outro país, não se vive no seio de uma outra sociedade, de uma outra economia, em um outro mundo, em suma, sem que algo permaneça desta presença, sem que se sofra mais ou menos intensa e profundamente, conforme as modalidades do contato, os domínios, as experiências e as sensibilidades individuais, por vezes, mesmo não se dando conta delas, e, outras vezes, estando plenamente consciente dos efeitos.

A imigração não ocorre sem deixar marcas, frequentemente de maneira indelével, mesmo sem reconhecê-lo, seja por nos atermos à ilusão da integridade formal e da fidelidade a si, seja por não sermos nem mesmo conscientes disto. E, sem dúvida, o fato de não perceber que houve mudança no contato com os outros, dentre os quais

15. Aliás, é o que todos os pares desejam e se desejam mutuamente: que a emigração possa se conformar à representação ideal que se faz dela, o retorno pondo fim seguramente à ausência, mesmo não dissipando totalmente a nostalgia.

16. Ou antes, a malfadada irreversibilidade do tempo, a impossível reversibilidade do passado e do ter sido, reversibilidade perseguida por todo emigrante ou todo exilado e, mais ainda, todo nostálgico do passado e de seu passado, de seu "ter-sido", que não será mais.

17. Mesmo Ulisses que, chegando a Ítaca, pareceu não reconhecer sua ilha, que, entretanto, não mudou de lugar e nem poderia, pois é só um rochedo; se bem que, no momento de seu retorno, a deusa Atenas a tenha mergulhado em uma cobertura de nuvens, que o impediu de reconhecê-la.

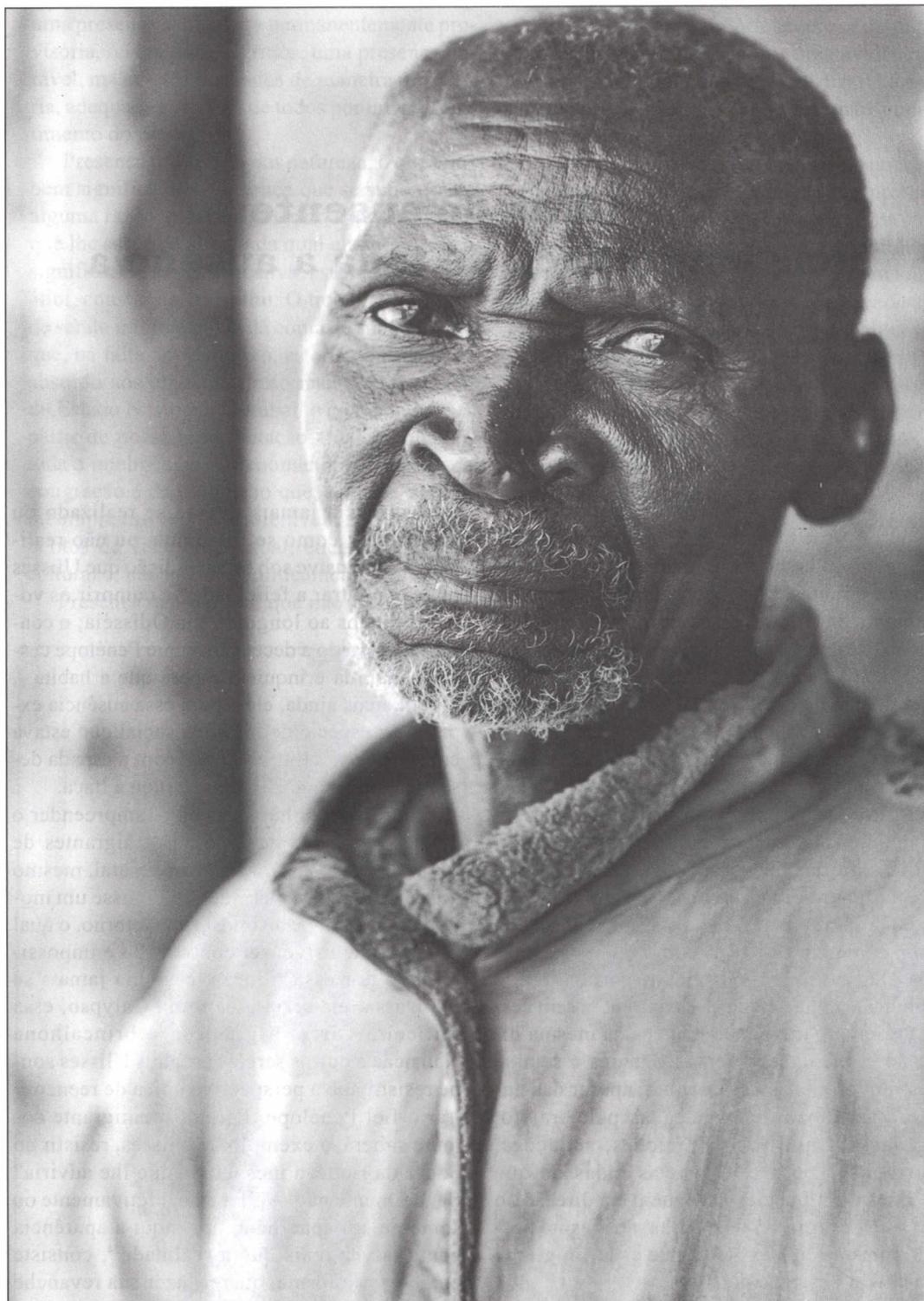


Foto: UNHCR/24259/12.1994/A. Hollmann

nos encontramos e no meio dos quais vivemos, seria antes o sinal e a garantia da eficácia, da solidez e da perpetuação das mudanças sociais e culturais intervindas desta maneira, e testemunharia a sua irrevogável apropriação daquilo que interiorizamos profundamente e incorporamos totalmente no sentido literal da palavra (“eles se

corporificaram”)¹⁸. Da mesma forma que não há presença em um lugar que não se pague com uma ausência¹⁹ em outro lugar; não há inserção ou integração neste lugar de presença que não se pague com uma des-inserção ou des-integração em relação a este outro lugar, que não é senão o lugar da ausência e da referência para o ausente.

18. A conjunção entre os efeitos da ausência de um lugar, os de suas origens (ou, em outros termos, os efeitos da emigração) e os da presença em outro lugar, aqueles de sua imigração, chega, por exemplo, a produzir o resultado ilustrado por este caso, que é mais do que uma anedota: um imigrante argelino, então com mais de 50 anos, prestes a se aposentar, casado na França, pai de família, praticamente sem retornar ao seu país (desde 1943, data de sua chegada à França, até o momento de sua aposentadoria em 1989, não se pode dizer que tenha efetuado mais de duas viagens ao seu povoado para rever os seus). Quando ele era tomado pela saudade da Argélia ia, sábado pela manhã, dar uma volta pelo Consulado de seu país em Paris para respirar a atmosfera, e voltava dali curado por muito tempo de sua nostalgia: com efeito, sua longa e contínua presença na França e sua familiaridade com os serviços administrativos franceses dotaram-no de um olhar e um julgamento críticos, pouco afeitos à apreciação, sem reservas, da organização dos serviços consulares, nos quais sempre havia multidão, tumulto, desordem, tensões, numerosos pretextos para disputas e dramas, o que não deixava de aumentar o mau humor dos agentes consulares.

19. Não de uma ausência indeterminada, ausência de um outro lugar qualquer ou de todos os outros lugares - como se até pudesse existir onipresença, o que é unicamente o ponto de vista ou se refere ao ponto de vista divino -, mas de uma ausência bem determinada, em relação com um lugar precisamente definido, super-investido de qualificações, o lugar de origem.